

★ VOZ do povo

A ignorância dos povos é a maior força dos tiranos

Unidos,

CONTRA O FASCISMO — PELA DEMOCRACIA

venceremos

(5) ou não, produziremos em benefício da Civilização através dos comandados de VERDADEIRO POVO.

FASCISMO é o regime em que o povo é obrigado a dar as ilusões, tudo, em troca desta permanente miséria.

O regime em que o povo, vítima da ignorância, abandona não apenas dos sacrifícios, mas também dos benefícios, e uma DEMOCRACIA

A Organização das Nações Unidas, pelo voto unânime de 46 países, considera fora da lei e do convívio internacional a Espanha de Franco! — Salazar, o ditador fascista português, o canalhão desvergonhado, que auxiliou Franco a derrubar a República democrática espanhola, continua no governo a afrontar o povo português!

O exército e as restantes forças armadas, mantêm o sustentam no poder o farsante traidor Salazar! O exército criado e mantido para assegurar a integridade da Patria, devendo tão somente obediência a um governo do povo para o povo, serve um governo fascista usurpador do poder e cultivador da mentira, fraude e violência!

Inconcebível! Povo português, até quando tôda esta vergonha nacional!?

★ A criação do fascismo italiano, como a do nazismo alemão, u do falangismo espanhol ou a do corporativismo-salazarista português, etc. foram apenas a organização metódica das forças reacionárias dos respectivos países. A idéia das foi lida o nome genérico de fascismo, por ter sido feito o primeiro contraponto dessa organização.

Mas aceita universalmente a definição de fascista para todas as formas de exploração do homem pelo homem, e para todos os sistemas em que sejam contrários os legítimos direitos conquistados na Carta das N.º Unidas, dos exércitos libertadores não estará sendo traída a paz que, de qualquer modo, estão facilitando o reagrupamento e reorganização do fascismo?

— Se aceitamos como bom o actual «Direito» escrito — que nos campos de batalha foi vinculado com o sangue dos seus defensores — devemos deixar que a sombra desse Direito continue a sua sinistra tarefa, ou que se

Esta palavra «fascismo»...

O VELHO DIREITO E A BARBARIE MODERNA

propuseram substituí-lo pela fécula brutal? Poderia um código, elaborado por gente de espírito normal, para corrigir esporádicos delitos ou desvios de gente civilizada, servir igualmente a povos como o russo, o russo ou o holandês e a caíres e hotentotes antropófagos e bestialmente selvagens?

Parcece-nos que é face da razão pura, na lei devem adequar-se à ética que pretendem servir e ao ambiente que há-de guiar e corrigir.

Os nazi-fascistas têm provado com os seus campos de tortura e morte, serem piores que os selvagens. Estes, em regra, matam por ignorância, medo e necessidade activa de alimentação.

Os nazis, por isto é ferocidade dum cultura anti-humana.

E enquanto o Uruguai pede clemência para algumas das cabeças dessa Hidra imensa, a In-

gluterra fornece material de guerra para o antigo fascista de Salazar e à America, no mesmo tempo que mantém aqui o ambientador pro-fascista Baruch, reconhece a criminalidade do governo argentino de Peron, entrega aviões, canhões, etc. ao Franco e substitui com o sr. Bevin, que a artigo 2 da Carta não permite a intromissão nos assuntos fascistas de Portugal, Espanha e Argentina...

— E não será o Direito corrupto que, amado o lit, seja inviolável, quando de dentro seja pedido socorro, as vítimas têm o direito de esperar que — pelo menos — os que se dizem amigos não deem armas e de qualquer modo fôrão aos bandidos que lhes assaltaram a casa, as roubam e querem assassinar??

O fascismo é uma força que deve desarticula-se e destrui-se nas suas origens. Os crimi-

nosos fanáticos, por mais alto que estejam (ou sejam estado) situados, são apenas o efeito de causas muito profundas, que mergulham suas raízes na distância impenetrável das suas memórias antigas megalomanias.

Hitler, Mussolini, Franco, Salazar ou Peron, são apenas as cabeças visíveis dum sistema gerador do mal-estar que torna possíveis os seus célebres tiranias. Mas o desaparecimento de qualquer destes factores não implica mais que um enfraquecimento momentâneo do sistema (e que não o vértice).

Estamos vendo como o nazismo e o fascismo não morreram com o desaparecimento dos seus chefes.

O sistema francês e tirânico exercido em Portugal na vigência da Monarquia, não terminou em 1908 com a morte de D. Carlos, e de seu filho, não desapareceu com a extinção do regime corônico. — Isto porque o sistema económico-social continuou sendo o mal do continente nacional, neste caso.

Pelo mundo estamos a assistir

(Continua na página 4)

Um Carácter

Douglas Brown, correspondente da «Reuters», foi expulso de Portugal por não querer «prostituir a sua pena».

Carácter íntegro, a sua attitude é a conselheira certeza de que o silêncio do Secretariado da Propaganda Salazarista não logra ao romper a consciência dum verdadeiro gentileza.

Douglas Brown, de quem a policia impediu que se despedissem grande número

dos seus amigos portugueses, perdeu aqui um lugar — mas ganhou no coração dos democratas de Portugal a carinhosa estima dos que sabem reconhecer o valor da dignidade humana.

UMA «GRALHA»... FASCISTA?

Sabê no nosso último número, a propósito da manifestação de 31 de Janeiro: «... em poucas horas reuniram-se só em Lisboa mais de 50.000 pessoas», quando devia ter sido: «mais de 150.000». Os nossos amigos que

assistiram ou ouviram relatos de quem assistiu à manifestação, malaram a «gralha» e fizeram muito bem, porque era uma «gralha» salazarista...

O pavor da agonia?

Não está sendo fácil o exterior do fascismo nos seus últimos centros organizados. Salazar, depois da farsa idiota das elei-

(Continua na página 4)

ALTA TRAIÇÃO!

Quando um grupo ou partido político, para se manter no poder, procura substituir o apoio da Nação pelo amparo de potências estrangeiras, a troco do prestígio nacional, de serviços inconfessáveis, ou da hipoteca ruinosa dos interesses nacionais, pratica uma política nefanda de traição.

Ai tem sido a nefasta política de Salazar e da sua quadrilha.

Dirigido, ora pelo Vaticano, ora por Berlim ou Roma, quando os ecos das diabólicas de Fühner ou as ameaças escríptas do Duce emprestavam ao ambiente internacional uma estranha tensão política de cultura do medo em que se apoiavam os ditadores, Salazar conseguiu transformar esta Pátria, que a tradição histórica aponta como um alvorecer de heróis, num vasto redil de tímidos carneiros.

Ajudando a derrubar a República democrática espanhola, ou dando a Itália e a Alemanha, no período mais acedo da última guerra, quanto as possibilidades nacionais da germanização, o mítico criminoso internacional julgava estar ajudando o extermínio total e definitivo da Democracia que odiava.

— O prestígio e a honra da Nação? Que importa tudo isso, quando o seu móbil era apenas manter-se no poder para realizar a sua obra de preparar uma geração de castrados mentais?

A afronta de Timor?

Portugal uniu já no passado demasidas glórias: desde a Fundação às campanhas da Ocupação — tinhamos sido heróis. Atestava-nos, pelo menos, a Exposição de Belem I. Agora calha-nos, pela mão de Salazar, o papel de Maritima.

E os nipões — que eram amigos dos seus amigos, estavam mais próximos do seu coração que os portugueses torturados e chacinados!

Mas a bandeira do Vitória drapejou, por fim, no vento dessa Democracia que, como os seus sócios de Berlim, Roma e Madrid, tanto anatematizava.

Então começou a sua descarada política de maromba.

O fascismo não morrera com Mussolini e Hitler. Salazar sabia-o. Os interesses do capitalismo inglês eram um pouco abrigio. Ele cooperaria na restauração do fascismo, através de uma estúpida desce apertismo, se ele continuasse a apoiar que o nazi-fascismo germano-italiano já não podia dar-lhe.

Mas a Democracia triunfante não sufocou como o fascismo a voz vibrante dos patriotas que indignados clamam por justiça!

Assim, os altos representantes das três maiores nações que lutaram pela liberdade do mundo foi dirigido, por um grupo de patriotas exilados no Brasil, a seguinte mensagem, que milhares de portugueses apoiaram:

A ordem fascista na «Carris» de Bisboa

No dia 28 de janeiro, na Estação das Amoreiras, um encarregado exigiu ao grupo de operários que tem a seu cargo a limpeza dos carros, que o seu serviço fosse feito com maior rapidez e eficiência.

Apesar da sua boa-vontade, os trabalhadores não conseguiram a limpeza de todos os carros no espaço de tempo determinado, ficando só carros por limpar. Isto porque, para que a

Presidente HARRY TRUMAN
Premier CLEMENT ATTLEE
Marechal JOSEPH STALIN

Polstadam

Em nome dos deportados e exilados portugueses na América e certos de interpretar os aspirações do povo português, vimos lembrar a V. Excellência que em Portugal pertence, com perigo para a paz e a liberdade do Mundo, uma ditadura inspirada nos piores processos do nazi-fascismo. No regime de Mussolini falta-se pela estruturação corporativista. No de Hitler, pelos métodos de concentração, como o do Tarrafal, na ilha de São Tiago de Cabo Verde. Em ambos, pelo partido único, a brutal supressão de todas as liberdades, a exploração e o envilecimento dos trabalhadores, e o apoio prestado a Franco, para elevá-lo e mantê-lo no poder; e esmagar a democracia espanhola, com violação das regras mais elementares da humanidade e do direito internacional.

Os signatários rogam a V. Exccas. cessem as prolongadas complacências que têm auxiliado Salazar a permanecer no poder e contribuam, por essa forma, para a povo português, possa intervir na escolha do seu governo e regressar no concerto das nações democráticas e civilizadas.

MOIRA PINTO — JAIME DE
MORAIS — JAIME CORTESAO

Transcrevendo esta mensagem do órgão anti-fascista português no Brasil, «UNIR», o vespertino «VITÓRIA», porta-voz do fascismo indígena, pergunta, após uma caspudpa de insultos: «o que pensam a este respeito os elementos que entre nós representam a oposição ao regime e que têm mantido relações de contacto político, segundo se infere do mesmo documento, com os que no Brasil se tornaram culpados de semelhante atentado.

Perfilham essa atitude e solidarizam-se com ela?

«Voz do Povo», onscila de que interpreta o sentir da oposição ao regime Salazariano de Alta Traição à Pátria em que se vive em Portugal, responde com a clareza que a pergunta exige:

Perfilham e solidarizam-nos com a nobre atitude dos signatários da patriótica mensagem.

Acima dos interesses mesquinhos de grupo ou de partido, está o interesse mais alto da Nação.

A Oposição é por Portugal

— Contra a ALTA TRAIÇÃO do

Salazar e sua quadrilha!

limpeza fosse feita como deve ser e no tempo determinado para o serviço era necessário aumentar o número de operários.

Mas o sr. Barros — conhecido fascista encartado da Carris — não o entendeu assim. E, numa histórica birra, suspendeu o dos

NÓS, AS MULHERES...

PÃO... NOSSO ?...

O problema da falta de subsistências na Europa e já uma ameaça gravíssima.

Os pobres temem que lhes falte o costume de quando. Mas o Capitalismo assusta-se por razões muito diversas. A escassez de alimentos não costuma afectar-lhes nas mesas em que se banquetizam. Não os afectará mesmo agora, porque o seu caro não pagará a abundância em que continuarão a usufruir-se.

Mas a miséria dos povos — que nunca preocupou esses reis da riqueza — acentuada por uma diminuição nas suas já pouco abundantes rações, não os levará a compreensão de que o mundo não deve continuar a ser tão injusto e penoso?

Dai o seu alarme, que foi compreendido e secundado pelas dirigentes fascistas portuguesas.

«O pão não ser drasticamente rationado», dizem-nos em nota oficiosa. Para o estrangeiro incauto, o gesto pode parecer simpático. Julgá-lo que tal racioamento drástico é a natural consequência do esvaziamento da capacidade nacional para com os demais povos necessitados. Para nós, portugueses, sabemos bem de que se trata: uma ampliaçãozinha do mercado negro, em que os ricos continuarão a ter — como até agora — pão de sobra, enquanto os pobres continuarão a ouvir os corações sacudidos, os alinados a pedirem-lhes o pão que quasi nunca dão.

Porque em Portugal — não é superfluo recordá-lo — o pão e o demais alimentos dos pobres, mesmo quando não era rationado, foi sempre condicionado à importância miserável dos salários de fome que recebem em troca da infame exploração do seu trabalho. O que quer que os meios de produção da nossa classe média — sofre há muito a sub-alimentação que é agora o terror dos povos da Europa Central.

Da assistência e alimentação infantil — a larm o número e o aspecto dos que em Portugal se dedicam aos desportos alitélicos.

Mas o nosso Estado — é dos melhores da Europa...

CELIA C.

operários. — No seguinte turno da noite, num gesto de nobre solidariedade, os demais companheiros das vitimas do arrevesado, hesitaram-se a trabalhar. Compareceu Herr Barros, o engenheiro Mr. Smith e o major von Ricardo Pereira Dias, da mobilização do pessoal da Carris. Inquirido do motivo porque se recusavam a trabalhar, responderam-lhes os operários que retornariam o trabalho quando fosse anulada a suspensão injusta dos seus dois camaradas, visto que todos se sentiam igualmente solidários com os motivos que os tinham levado à suspensão.

Então o grupelho dos «mandões» fascistas, fingindo compreensão e bondade e mentindo descaradamente, prometeu que a suspensão dos dois camaradas seria anulada. Assim conseguiram que o pessoal retornasse o serviço. — Mas a canalha fascista tem os seus processos de que não obdica. Até agora foram já despedidos 6 operários — e conta que a nogetia represália tem continuado.

A este nazi «non» Ricardo Pereira Dias, delegado do governo, que todos os dias vai a igreja, não lhe passará pela cabeça que a

(Conclui na página 3)

A política salazarenta de hoje é

— para inglês ver...

Mas a sua obra nazi-fascista

não deve esquecer...

MAIS UM DOCUMENTO ELUCIDATIVO

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Assembleia Nacional.

Aristides de Sousa Mendes, ex-consul de Portugal em Bordas, lugar de que foi despedido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, por motivo de ter, com desobediência às instruções vigentes, dado vistos em passaportes a milhares de estrangeiros que procuravam no nosso país abrigo e segurança, contra a ameaça e o perigo dos exércitos alemães, então em via de ocupação total do sudoeste da França, e em no exercício do seu direito de refúgio garantido no n.º 18 do art.º 8.º da Constituição Política da República Portuguesa, apelar para a Assembleia Nacional, como encarregado pela mesma Constituição de « Vigiar pelo cumprimento das suas disposições e das leis do Paços » (art.º 91, n.º 2.º), com os seguintes fundamentos:

Tendo-lhe sido enviadas instruções pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros sobre os vistos em passaportes, essas mesmas instruções continham na primeira alínea a proibição absoluta de se dar vistos ilegítimos sem desobediência de Nacionalidade.

Tratando-se de milhares de pessoas de religião judaica, pertencentes a todos os países invadidos, já perseguidos na Alemanha e nouros países seus forçados detentes, entendi o reclamante que não devia subceder aquela proibição por a considerar inconstitucional em virtude do disposto no art.º 8.º n.º 3.º da mesma Constituição que garante a liberdade e a inviolabilidade de crenças, não permitindo que ninguém seja perseguido por causa de lei, nem que ninguém seja obrigado a responder acerca da religião que professa, medida que além se lhe tornava necessária para saber qual a religião dos imperantes e assim negar-lhes, ou conceber-lhes o visto.

Nestes termos, se o reclamante não obedeceu à ordem recebida do Ministério dos Negócios Estrangeiros, não fez mais do que resistir, nos termos do n.º 18, do mesmo art.º 8.º da Constituição, a uma ordem que infringia manifestamente as garantias individuais, não legalmente sustentada, nessa ocasião, (art.º 8.º n.º 1.º).

E não se pretenda que a inviolabilidade de crenças não constitui, segundo a nossa Constituição, um direito para os estrangeiros visados, com o fundamento de não se acharem residindo em Portugal, único caso em que poderiam ter os mesmos direitos que os nacionais (é único, art.º 7.º), pois não se trata, no caso presente, dum direito dos estrangeiros, mas sim dever dos funcionários portugueses que, nem em Portugal nem nos seus Consulados, que são também território português, poderão, sem quebra de letra da Constituição e sobretudo do seu espírito, interrogar seja quem for sobre a religião do indivíduo, para lhe dar qualquer acto de sua competência, o que a admitir-se, significaria a mais odiosa perseguição religiosa, mormente quando se impugna o direito de asilo que todo o país ci-

vilizado sempre tem reconhecido e praticado em ocasiões de guerra, ou de calamidades públicas.

Espere pois o reclamante que a Assembleia Nacional na sua alta função de vigiar pelo cumprimento de lei (lugar citado) não por bem declarar nula a pena que lhe foi imposta por motivo de desobediência às instruções citadas, exigindo a respectiva responsabilidade àquele ou aqueles funcionários que, dando-lhe a referida ordem, « *aletemam contra a Constituição e o regime político* », (art.º 113 n.º 2) reconhecendo-lhe o direito a reparações materiais e morais pelo prejuízo que lhe foi causado pelo processo disciplinar que lhe foi instaurado e se achia arquivado no Ministério dos Negócios Estrangeiros — (art.º 8, n.º 18).

Não alegou na resposta que deu no mesmo processo disciplinar estas circunstâncias, pelo motivo de, havendo a guerra na Europa, não querer dar publicidade e relevo a uma atitude por parte de funcionários do Estado, que sobre ser inconstitucional, poderia ser interpretada como colaboração na obra de perseguição do governo hitleriano contra os judeus, o que representaria, sima, contra da neutralidade declarada pelo governo.

Não pode, porém, suportar a evidente injustiça com que foi tratado e conduzido ao atirar a que pede seja posto rápido termo, de o reclamante ter sido severamente punido por factos por que a Administração tem sido elogiada, em Portugal e no estrangeiro manifestamente por exemplo, pois os encontros cabem ao país e a sua população, cujos sentimentos altruístas e humanitários tiveram larga aplicação e retumbância universal, justamente devido à desobediência do reclamante.

Em resumo, a atitude do governo português foi inconstitucional anti-natural e contraria aos sentimentos de humanidade e, portanto, insustentavelmente contra a Nação.

Pede deferimento

Lisboa, 10 de Dezembro de 1945

(*) *Aristides de Sousa Mendes*

N. da R. — Este documento chegou-nos dactilografado; não é, pois, transcrito de nenhum colega. Não o comentamos. A consciência dos leitores o julgará.

Lisboa-Estrela foi o fulcro das magnificências que lenoram à queda da Democracia espanhola; da espionagem nazí durante a guerra; e agora está sendo igualmente o centro da preparação da restauração monárquica no país vizinho.

Em Madrid foram fuzilados dois heróis da resistência francesa: Cristiano Garcia e Manuel Rodriguez. A. M. D. G. ...

Timor ainda...

(Continuação de 4.ª página)

trido e virulento o caracter desta canção.

Como é que esta corja, pela boca do seu autêntico espécime, Carmona — desprezisa e grotesca figura de Timão das flores járdado — tem a audácia de vir dizer ao País e ao Mundo, na sua mensagem dirigida à Ass.^a Nacional, que « todos sentiram o nosso apoio e sabem hoje que a nenhum sacrificio ou encargo se fugiu para que pudessem ser restituídos ao convívio nacional no plenitude da soberania e integridade do Imperio » — quando é do conhecimento de toda a gente que, não só se não tomaram quaisquer medidas para lavar a afronta que vinha de ser lançada ao País com a invasão de Timor e massacre indiscriminado da sua população, levado a cabo pelas japoneses mas ainda se desceu à irrisória e miserável ignominia de, depois dos vexames sofridos, Portugal ir representar o inglorio papel de *Nôdo amigo e protectora do Japão*, junto do governo do México!...

Que grandes miseráveis!

E ainda dizem estes pulhães que se não *posturam sacrificios para que pudessem ser restituídos ao convívio nacional*, quando a verdade é que apenas abandonaram aqueles desgraçados à sua triste sorte, e dos quais tantas e tantas centenas foram desumanamente chacinados — sem o menor protesto do governo português!

Que grandes miseráveis que o ferro em brasa com que a Historia há de marcar, para todo o sempre, a miserável quadrilha que, apoiada no Exército durante 20 anos escravizou este desgraçado País!

E lamentável que este Exército, que conta entre os seus mais gloriosos feitos a honra de se ter batido ao lado das Democracias, na Grande Guerra de 1914/1918, contra a já velha aspiração germânica de dominar o Mundo, renegando o seu passado, o guiado por um general *pa-pa* — que nunca prestou ao País outras serviços que não fossem receber vencimentos e cobrar filhas de mãe — se deixasse arrastar até à beira de tal fossa peitilenta!

A ORDEM FASCISTA NA CARRIS

(Continuação de página 2)

estes operarios sem trabalho, e as suas mulheres e filhos vão faltar o pão?

Não se lembrará que quando chegar o dia da libertação os operarios portugueses lerão o seu quinhão de justiça?

Camaradas das oitonas e Car barns: Contra o miseravel encarregado Adelinho e todos os carressos dos trabalhadores, só o reforço da nossa organização é eficaz.

TATARES

* — Em Madrid, durante a comemoração do aniversário da subleita de Franco ao poder, os fascistas rasgaram cartazes de propaganda de filmes anglo-britânicos e obrigaram cidadãos destas nacionalidades, entre os quais um funcionário da «Associated Press», a fazer a saudação falangista.

★ VOZ DO POVO

(Centro de Esquerda — Pela Democracia)

(Organ. do Partido e do Serviço de Imprensa) — Segundo a manifestação da União Armada do Povo e do Exército, Expressão Nacionalista, Militar e Socialista, formada — segundo a manifestação do Partido Comunista Português, o Partido Socialista e o Partido Democrático — em defesa da República Portuguesa e da Democracia.

«Manifesto Comunista» — R. Marx-F. Engels

ESTA PALAVRA «FASCISMO»...

O MANIFESTO COMUNISTA tem uma direcção e uma finalidade que talvez não possa mais que um deus a incluir sob o seu manto. — H. F. LANGE, presidente do Partido Trabalhista Inglês.

(Continuação do número anterior) — III —

todo o que era sagrado e profanado e os homens são, no final de contas, forçados a considerar irracionalmente as condições de sua existência e suas relações sociais.

A necessidade de assegurar a seus produtores mercados cada vez mais amplos, impõe a burguesia a livadar o mundo inteiro. «Essa necessidade fixa com que ela penetra por toda a parte, se instala em todos os lugares, estabelece relações por toda a parte».

A burguesia, pela expansão do mercado mundial, tornou cosmopolita a produção e o consumo de todos os países. Com grande pesar dos reconhecemos, eis (é) com que a indústria penetra a sua base nacional. As antigas indústrias nacionais foram aniquiladas e ainda o são todos os dias. Nos seguintes por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão de vida ou morte para todas as nações civilizadas, pelas indústrias que trabalham não mais com matérias primas indígenas, mas com matérias primas provenientes das regiões mais longínquas, e cujos produtos são consumidos por todas as partes do oriente e em todas as partes do mundo.

As antigas necessidades para os bens bastavam os produtos nacionais, são substituídos por necessidades novas que, para sua satisfação, reclamam os produtos dos países e dos climas mais longínquos. O mundo inteiro torna-se local e nacional em que cada um se bastava a si mesmo, da ligar a relações militares, a uma interdependência universal das nações. E o que acontece com os produtos materiais acontece também com os produtos do espírito. — Os produtos intelectuais das diversas nações tornam-se uma propriedade comum a todas. A existência de espírito e o existismo nacional tornam-se cada vez mais impossíveis e das numerosas literaturas nacionais e locais torna-se uma literatura universal.

A burguesia, pelo rápido aperfeiçoamento de todos os instrumentos de produção, pelas comunicações tornadas infinitamente mais fáceis, arrasta na corrente da civilização todas as nações, mesmo as mais bárbaras. O hábito preso de seus produtos e a arbitrariedade pesada que abre brechas em todas as muralhas chinesas e obriga a xenofobia mais obstinada dos bárbaros a capitular.

Obriga todas as nações, sob pena de se arcaizarem, a adoptar o modo de produção da burguesia; — forçada a introduzir em seus países o que se chama civilização, quer dizer, a tornarem-se burgueses. Numa palavra, cria um mundo à sua própria imagem.

A burguesia submeteu o campo ao domínio da cidade. — Citou cidades enormes, aumentou consideravelmente a população das cidades em relação à população dos campos e, desta maneira, parte importante da população em um embrocamento da vida rural. Assim como subordinou o campo ao domínio da cidade, subordinou os países bárbaros e semi-bárbaros aos países civilizados, os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente.

A burguesia suprimiu cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou a população centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. A consequência necessária disto foi a centralização

política. Províncias independentes ligadas apenas pelos laços federativos, tendo cada uma seus interesses, suas leis, seus governos, suas armadas, foram vencidas, uma a uma, pela burguesia, com um governo único, uma única legislação, um só interesse nacional, de classe, uma só fronteira alheanegada.

A burguesia, durante sua supremacia de classe sobre a secular, criou meios de produção mais sólidos e mais amplos de que todos os antigos períodos sociais. As forças naturais dominadas, o maquinismo, a aplicação da química à indústria e à agricultura, a navegação a vapor, os caminhos de ferro, o telegrapho eléctrico, os continentes inteiros desbravados, os rios tornados navegáveis, populações atiradas para o sul do pólo, que seculo anterior poderia prever que tais forças produtivas dormiriam na selo do trabalho social?

Mas vimos que os meios de produção e de troca que serviram de base à constituição da burguesia, foram produtos da sociedade feudal. Num certo estágio do desenvolvimento fazem modos de produção e de troca, as condições nas quais a sociedade feudal produzia e trocava, a organização feudal da agricultura e da manufatura, numa palavra, as condições feudais da propriedade, não correspondiam mais às forças produtivas já desenvolvidas. Transformavam-se noutras tantas cadeias. Foi necessário despedaçá-las, e elas foram despedaçadas. — Um seu lugar estabeleceu-se a livre concorrência com a constituição social e política apropriada, com a supremacia económica e política da classe burguesa. — Sob as nossas vistas processa-se um movimento do mesmo género.

As condições burguesas de produção e troca, as condições burguesas da propriedade, a sociedade burguesa moderna que fez surgir como par um milagre, os poderes modernos de produção e de troca — isso lembra o lenheiro impotente para dominar as forças infernaes que atenderam à sua invocação. Depois de dezenas de anos, a história da indústria e do comércio não é senão a história da revolta das forças produtivas modernas, contra as condições de produção do passado, contra as condições da propriedade que são as condições vitais do burguesia e de sua supremacia. Basta citar as crises comerciais que, em seu ciclo periódico, põem em cheque, de maneira cada vez mais ameaçadora, a existência de toda a sociedade burguesa, para se convencer, com o mesmo grande parlo, não somente dos produtos já criados, mas também das forças produtivas já constituídas e aniquiladas. Nas crises, explode uma epidemia social que em todas as épocas anteriores teria sido considerado como uma coisa senão a opinião da super-proleto. Bruscamente a sociedade se vê levada a um estado de barbárie momentânea; diz-se que uma fome, uma guerra geral de destruição, lhe arbutaram todos os meios de existência: a indústria e o comércio parecem aniquilados. Porém, a fome e a guerra a sociedade tem a vida e a civilização, demolidos meios de existência, demandas industriais, demasiado comércio.

(Continua no próximo número)

A respeito do idêntico.

«O estadista nêlo estilo pretendem continuar a mudar o nome às suas organizações mas sem modificarem o seu antigo sistema de exploração humana.»

«Enquanto os povos ao desenvolverem o processo de industrialização produtiva, não apresentem cada vez mais claramente que mudar de nome e de dono, não é sorte infeliz para qualquer besta de carga.»

«Parece-nos que através do que fica exposto e difícil descobrir a sentença dos Juizes que nos reunimos da U. N. O., se está a dar um certo ar de Yashinsky — entre o Velho e o Novo Mundo.»

O FAVOR DA AGONIA ?

(Continuação de número anterior)

ções e do simulacro de liberdade que lhe serviu para a tenção das forças democráticas, permeçava a mal interrompida ofensiva de perseguições. Por todo o país é intensa a agitação da sua galopar.

«Esta agitação é um ato inocente e legitimado Movimento de Unidade Democrática.»

«Depois da apreensão dos emblemas, o assalto às sedes que foram encerradas.

«Para que tanto barulhao, quando as massas democráticas acabavam de demonstrar o seu desacordo com a situação nas manifestações em Lisboa, Porto e demais terras do país se realizam em no passado dia 31 de Janeiro?»

«Julgarão os ditadores, no seu acanção de mentalidade, que logo esse desencadeamento de perseguições vai voltar a desvirtuar das massas democráticas nos cadernos elettoraleis?»

«Parece que não se sentem muito à vontade com a profecia do seu mago radiofonico de que «a ditadura não cairá, nem a tiros, nem a votos...»

Timor e ainda...

Se ainda pudessem restar dúvidas de que timor é aqquerosa e vil a miséria moral da quadrilha que assaltou o poder, bastaria o caso de Timor para, ao por si, dar a medida exacta de quanto é pua-

(Conclui no págio 5)

Nos nossos amigos

Quaisquer donativos para «Voz do Povo» devem ser acompanhados por pseudonimo, de modo a pudermos ser publicados e identificados todas as verbas recebidas.

Excepção feita a Claro, as importâncias da venda do jornal, que não serão mencionadas

As folhas contas fazem os bons amigos...

(A referência «Junho no número do jornal e não a data)

23 Maio 194500 • 23 O. C. 300000
 1. Um Demolito 58000 • 1. X. 200000
 1. Um do Custard 58000 • 1. João 1900